

Vestido de artista: a roupa representada na História da Arte e na arte contemporânea brasileira

Joana Bosak de Figueiredo (História da Arte-IA/UFRGS)

Resumo: Busca-se compreender fenômenos relacionando arte e roupa, suas possibilidades como objeto da História da Arte e seu papel no desenvolvimento da arte brasileira. A partir das obras, examina-se o “vestido de artista” e novas linguagens e expressões plásticas, os significados atribuídos às vestes em criações artísticas e seus desdobramentos na arte brasileira contemporânea.

Palavras-chave: vestido de artista, arte brasileira, história da arte

Abstract: To understand how art and clothes are related, their possibilities as object in Art History and their role in Brazilian art. In artist works, we intend to understand “artist dress” and new languages and plastic expressions, the meanings of the clothes in artistic works and its development in contemporary Brazilian art.

Keywords: artist dress, Brazilian art, Art History

APRESENTAÇÃO:

1. Vestes, História da Cultura, História da Arte

Desde os primórdios das diferentes civilizações, as vestes ocupam posição privilegiada na história da cultura e, por conseguinte, na história das representações visuais. Uma das mais antigas pinturas parietais já encontradas, no sítio de Çatal Hüyük, na Anatólia, datada de c. 6.500 a.C., apresenta-nos um rito xamânico em que os personagens têm revelada a sua mudança de estado psíquico, ao longo de um transe, através da mudança da cor das vestes. Posteriormente, na arte da Grécia clássica, vemos a revolução visual do cânone escultórico de Policleto (c. 460 a.C.) e da arte de Fídias (séc. V a.C.) consagrar-se na forma dos drapeados, que conferem sensualidade e movimento aos corpos representados. Não por acaso, Erwin Panofsky (1972) identificou na recuperação do drapeado um dos sintomas da Renascença, qual seja, o paulatino reencontro entre mitos e formas clássicas com a maneira “nova”, segundo Giorgio Vasari (1550).

Na arte de todos os tempos, sobram exemplos de representações das dignidades e identidades sociais por meio da vestimenta, fazendo com que

este código visual seja integrado ao conhecimento da arte e ao controle eficiente das representações. Deuses olímpicos em manto púrpura, reis e cavaleiros paramentados, bispos e papas em plena pompa e na extremidade pobre, camponeses de Peter Brueghel, o velho (1525-1569), em andrajos; pode-se contar um bom enredo da História da Arte através do vestuário representado, assim como pode-se analisar arte e sociedade por meio destas representações.

Seja em análise iconográfica e iconológica, seja como parte da história da cultura ou mesmo como parte das linguagens da arte, a produção e a representação de vestuários é tema fecundo para a pesquisa em História da Arte (Costa, 2005).



Imagem 1: Pintura parietal em Çatal Hüyük, Anatólia.

2. Vestuário, Arte e sociedade

A emergência de uma nova classe, a burguesia, como vista no quadro *O casal Arnolfini* (Jan van Eyck, 1434), a suntuosidade das vestes de Henrique VIII no retrato feito por Hans Holbein o Jovem (1540), ou o valor dado aos tecidos na arte flamenga, evidenciam o poder semântico do vestuário, na vida histórica e em suas representações; abrindo-se aí questões políticas e econômicas, relacionadas ao valor das vestes e da arte que as representa, bem como da ascensão e da distinção das novas e velhas camadas sociais. Disto decorre um segundo âmbito desta

problemática: compreender as relações sociais entre vestes, sociedade, estética e expressão artística, examinando as circunstâncias em que as representações artísticas de vestes fazem parte do circuito de identidade, valor e legitimidade social, ou mesmo dos conflitos de classe (Elias, 2001). A sociedade de Corte, estudada por Norbert Elias permite vislumbrar essa relação já bastante estreita, mas no desenrolar da história, com o desenvolvimento cada vez maior da indústria têxtil e das clivagens sociais, é possível estabelecer a roupa como fato causador de diferenciação social, como já apostavam os teóricos iniciais da moda, Thorstein Veblen e Georg Simmel.

Mas é, provavelmente, com o advento da Alta-Costura, em 1858, por Charles Frederick Worth, que este papel “legislador” da moda intensificou-se. Embora o século XVIII, com Maria Antonieta e sua “criadora de modas” Rose Bertin, já tivesse apresentado o uso político e social das vestes às vésperas da Revolução Francesa, é com a invenção da Alta-Costura, ainda na Corte de Napoleão III, que essa diferenciação cada vez maior e mais artística da moda ocorre. Faz-se necessário dizer que o próprio Worth assinava as suas obras, iniciando o processo de colocação de etiquetas nas roupas e, portanto, de autoria do “designer” de moda.

3. Vestes e arte

As diversas representações de vestes na história das artes visuais fazem perceber que muitas vezes o vestuário é ele próprio um objeto de arte, ou transita próximo disto, pelo seu grau de elaboração formal e pela aposição de signos, símbolos e significados em sua composição e em sua utilização pública. Abre-se, com isto, a discussão sobre quando e como as vestes passam a ser elas próprias expressão artística. Há, todavia, uma diferença crucial entre as representações pictográficas de vestes, inequivocamente artísticas, e as vestes em si, que mesmo quando riquíssimas ou carregadas de significados, nem sempre são reivindicadas como arte por seus criadores e usuários, nos contextos em que foram utilizadas.

Na sociedade moderna, do século XV ao XIX, o conceito de Belas Artes não inclui vestuário, considerado como ofício. A partir de certo momento, entretanto, as roupas passaram a ser reconhecidas por artistas como veículo eficiente e convidativo para sua expressão; as primeiras obras estão, sintomaticamente, ligadas ao auto-retrato. O precursor desta atitude foi Albrecht Dürer (1471-1528), que se fez representar em trajes burgúndios, no auto-retrato de 1498. No século XVIII, Jean-Baptiste-Simeon Chardin (1699-1779) amplia esta galeria com auto-retratos que se tornaram ícones, pelo exotismo de se fazer retratar com toucados femininos (1771 e 1775), jogando com sua imagem de artista. Há uma relação forte entre vestuário e personalidade artística, ligada aos processos de individuação.

A partir do final do século XVIII, com Lord Byron, por exemplo, e início do século XIX, com Beau Brummell, a figura do *dandy* ilustra bem o uso da indumentária na construção de uma *persona* com carga social, ideológica e estética. A continuidade da presença do *dandy*, retomada pelo estetismo de Oscar Wilde e de Marcel Proust, entre outros artistas, leva autores que estudam a arte moderna, como Nicolas Bourriaud (2011), a verem essa figura do homem refinado e ocupado com a aparência como uma das maiores e melhores expressões da arte do início do século XX. Neste processo de individuação e de expressão artística, o cuidado com a própria aparência constitui-se na maior obra de arte possível

Na arte brasileira do século XX, tal fenômeno vestuário adquire nova dimensão artística, inicialmente, como performance, nas invenções e intervenções de Flávio de Carvalho (1899-1973), por exemplo, que propõe uma visão da Moda ligada ao “novo homem”, em sua coluna no jornal Diário de São Paulo, ao longo do ano de 1956 e em suas atuações públicas na mesma cidade e em Roma.

Posteriormente, já nos anos 1960, em plenas “crise da arte” e das linguagens artísticas, o artista Hélio Oiticica (1937-1980), e mesmo Lygia Clark (1920-1988) retomam o diálogo entre vestes e arte. Na obra de Arthur Bispo do Rosário (c. 1911-1989) encontramos, novamente, uma proposição social, religiosa, que acaba incorporada pela crítica de arte como intervenção artística.

Contestando as convenções, ampliando os espaços e efeitos da arte, construindo novas linguagens ou explorando graus avançados da

individualidade, as experiências destes artistas abriram um novo campo expressivo nas artes, em sintonia com fenômenos correlatos no hemisfério norte. Assim como se cria e estuda livro e escrito de artista, propomos agora estudar o já citado “vestido de artista”, em suas implicações analíticas.

Na contemporaneidade e no Rio Grande do Sul, por exemplo, ainda, esta relação segue sendo amplificada. Nos trabalhos de coletivos como Nervo Óptico (1976), em Porto Alegre, este diálogo entre vestes e arte seguiu se desenrolando, bem como em obras recentes de Patrício Farias (1940), do acervo da Fundação Vera Chaves Barcellos, sediada em Viamão, no entorno da capital gaúcha, em que o artista chileno, radicado no Rio Grande do Sul, experimenta em obras “vestíveis” articulações entre diferentes mídias e as interpretações possíveis da própria arte contemporânea.

Por outro lado, há o cada vez mais desenvolvido trabalho artístico de estilistas. O trabalho artesanal e o autoral se mesclam em diferentes criadores que, ao dialogar com a arte, desenvolvem uma linguagem própria, muito próxima da linguagem artística, embora elaborem obras que não serão fruto apenas de fruição, mas, em primeiro lugar, de vestimenta mesmo. É o caso de estilistas como o mineiro Ronaldo Fraga (1963) e sua já vasta trajetória relacionada aos diferentes universos artísticos, ligados às artes visuais, à música e à literatura.

No caso específico do Rio Grande do Sul, há a estilista Greice Antes, que tem dialogado fortemente com as artes visuais, na obra de artistas como Iberê Camargo e, mais recentemente, de Walmor Corrêa. A manutenção e mesmo o aprofundamento deste diálogo, permitem inferir que cada vez mais arte e moda tendem a se fundir na busca de um horizonte comum, o de novas perspectivas de manifestação artística.

4. Vestes, arte e design

Ainda que em outro contexto artístico, cabe rememorar a cooperação entre Pablo Picasso (1881-1973) e o *marchand* e empresário dos *Ballets Russes*, Sergei Diaghilev (1872-1929), que levou o artista a criar diversos figurinos, destacando-se as vestes cubistas desenhadas para o balé *Parade* (1916), de Erik Satie (1866-1925) e Jean Cocteau (1889-1963); nos quais as

personagens vestiam a arte de seu tempo. No desenvolvimento dos *Ballets Russes* cabe lembrar que acabou se criando um novo conceito de “arte total”, em que os balés passaram a contar com a participação de profissionais recém especializados em seus ofícios, como os cenógrafos, os figurinistas e artífices ligados exclusivamente ao universo do balé.

Este ideal animou também a concepção de arte e design da Secessão Vienense (1897-1920) e de outras iniciativas de artistas e designers na segunda metade do século XIX e início do XX. É exemplar aí o caso de Gustav Klimt (1862-1918) e os vestidos representados em quadros e os também realizados como vestes com sua companheira afetiva Emilie Floge (1874-1952), dona de uma boutique na Viena do início do século XX.

Podemos ainda, lembrar, mais tarde, das aplicações de design a partir da obra de Piet Mondrian (1872-1944), na década de 1960. Estes exemplos ilustram outra questão nas relações entre arte e moda: a passagem do mundo pictográfico para a tridimensionalidade, seja em figurinos cubistas, seja em traduções de design. Neste âmbito, cabe citar a inspiração artística traduzida em design de moda por Coco Chanel (1883-1971), precursoramente, seguida por diversos costureiros. Esta relação entre arte e design, juntamente com a quebra dos parâmetros para se definir o que é arte, levou muitos criadores de moda a atuarem com efetivo propósito artístico, em performances em passarelas ou em fotos de moda.

A passagem da representação artística para o design e deste para o circuito estético da arte revela muito das condições da arte na sociedade dos séculos XX e XXI. Com este caso da relação entre vestes, moda, arte e design, podem-se examinar também questões da arte contemporânea, como as definições sobre o que é arte, seus limites formais, e a circulação entre arte e outras mídias.



2. Hélio Oiticica, Parangolé, 1973



3. Lygia Clark, Eu tu, 1967.



4. Arthur Bispo do Rosário, Manto de apresentação, s/d.

Estas quatro problemáticas oferecem à pesquisa em História da Arte e da Moda uma variada gama de questões, unidas não apenas pelo objeto e

assunto (roupas, vestes ou trajes, vestíveis ou não), mas também por problemas históricos e analíticos que se reapresentam em diferentes cenários, e que permitem um largo percurso interpretativo entre as vestes na arte e os vestidos de artista.

JUSTIFICATIVA:

A pesquisa proposta valoriza componentes tradicionais da História da Cultura, as representações de vestuário, seu papel na História da Arte, da Indumentária as expressões da cultura visual e, simultaneamente, os fenômenos contemporâneos de transformação das linguagens da arte, ilustrados no caso dos vestidos de artista e das relações entre vestes, moda e design.

A expressão “vestido de artista” exige desdobramento didático. Por um lado, envolve, tal como no caso de livros e escritos de artista, a personalidade e a originalidade do artista, como criador de vestuário; o vestuário, neste caso, não é apenas roupa ou figurino, mas a própria linguagem da arte, dando às vestes funções diferentes das habituais e constituindo vestimentas como discurso da arte. O “vestido de artista” implica o corpo performático, envolvido por diversos materiais, em exposição dinâmica no espaço social. Tais materiais podem ser desde confecções artesanais (Arthur Bispo do Rosário) até materiais industriais reaproveitados (Lygia Clark); utilizados no vestido de artista, passam a ser sinais com carga simbólica, passíveis de interpretação artística. Nesta pesquisa, valorizamos a expressão “vestido de artista” como plataforma para pensar a complexa relação entre arte, artista e vestimenta nas linhagens artísticas supracitadas.

A incorporação de novos objetos e assuntos é um dos desafios da historiografia da arte na atualidade, correspondendo ao esforço criativo de muitos artistas das últimas décadas.

METODOLOGIAS:

Empregamos o plural devido ao imperativo de que se utilizem diferentes recursos teóricos e metodológicos neste tipo de análise, envolvendo estudos

de cultura visual e de História da Arte, História Cultural, História da Moda e da Indumentária, História Social e a Semiótica.

Dos estudos de cultura visual, valoriza-se especialmente a análise das condições de visão, visibilidade e visualidade (Meneses, 2005) e a perspectiva de se integrar em um mesmo plano de análise as contribuições de diferentes campos disciplinares e metodológicos, tais como a Antropologia, a Estética, a História, a Psicologia, a Semiótica e a Sociologia.

Da História da Arte, servem-nos não apenas o conhecimento histórico em longo curso das representações de vestes, expressas em imagens escultóricas, fotográficas e pictográficas, mas também todas as discussões teóricas e interpretativas nos diferentes contextos e problemas examinados. Neste sentido, a própria escrita da História da Arte torna-se objeto da pesquisa, examinando-se as possibilidades narrativas de uma história artística das roupas e de suas representações, bem como as questões formais e teóricas da arte contemporânea.

Da História Cultural e dos estudos do imaginário, interessam-nos as relações entre literatura, imagem, comportamento e sociedade, dando dimensão temporal e espacial à arte e seus efeitos (Pesavento, 1997). Da História Social, a compreensão de que os agentes históricos, incluindo-se os artistas e seus públicos, estão crivados por relações de classe e de identidade, reveladoras das condições sociais específicas de cada contexto e, portanto, esclarecedoras de diversas questões (Calanca, 2008). Isto nos leva a considerar as vestes como índice de identidade social e de classe. A História da Moda, por sua vez, elabora-se com franco uso de acervos e representações da História da Arte, como se lê no livro *Roupa de Artista: o vestuário na obra de arte*, de Cacilda Costa (2005), obra de referência na área, na qual encontramos ótima documentação de arte e indicações promissoras. A Semiótica, por fim, como base eficiente de diversas ciências, fornece os vocabulários e as metodologias para se examinar a sintomatologia visual e suas categorias (Ducrot & Todorov, 2010).

É parte dos propósitos desta pesquisa elaborar a síntese entre estas diferentes correntes teóricas e metodológicas, ao longo da análise e da narrativa.

FONTES:

Catálogos de exposição, livros de História da Arte, visitas e registros de exposições, acervos particulares e de museus, fotografias, depoimentos, periódicos e bancos de dados digitais.

OBJETIVOS:

a) Gerais:

- Ampliar os escopos da História da Arte valorizando a análise de representações de indumentárias e moda;
- Analisar fenômenos relevantes da arte brasileira no contexto de uma História da Cultura.

b) Específicos:

- Prospectar, inventariar e analisar as representações artísticas de vestes;
- Examinar a fenomenologia dos vestidos de artista na arte brasileira.

BIBLIOGRAFIA:

BARTHES, Roland. Sistema da moda. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BONADIO, Maria Cláudia. The MASP Institute of Contemporary Art: The Museum, Fashion, Art and Industry. In: 1o. Congresso Internacional de Moda e Design, 2012, Guimarães, Portugal. 1o. Congresso Internacional de Moda e Design, 2012. v. 1. p. 750-756.

BOURRIAUD, Nicolas. Formas de vida. A arte moderna e a invenção de si. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BOURRIAUD, Nicolas. Pós-produção. Como a arte reprograma o mundo contemporâneo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BRANDSTÄTTER, Christian. Klimt e a moda. São Paulo: Cosac-Naify, 1999.

CARVALHO, Flávio de. A Moda e o novo homem. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2010.

CALANCA, Daniela. História Social da Moda. Traduzido por Renato Ambrosio. São Paulo: Ed. Senac, 2008.

CAUQUELIN, Anne. Freqüentar os incorporais. Contribuição a uma teoria da Arte Contemporânea. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CIDREIRA, Renata Pitombo. Os Sentidos da Moda: Vestuário, Comunicação e Cultura. Editora: Annablume. São Paulo, 2005.

- COSTA, Cacilda Teixeira da. Arte no Brasil 1950 – 2000. Movimentos e Meios. São Paulo: Alameda Editorial, 2004.
- COSTA, Cacilda Teixeira da. Roupas de artista – o vestuário na obra de arte. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial.
- CRANE, Diana. Ensaio sobre moda, arte e globalização cultural. São Paulo: Editora SENAC-SP, 2011.
- DUCROT, Oswald, e TODOROV, Tzvetan. Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- ECO, Umberto. Semiótica e filosofia da linguagem. São Paulo: Ática, 2001.
- ELIAS, Norbert. A sociedade de corte, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.
- FREYRE, Gilberto. Modos de homem & modas de mulher. São Paulo: Global Editora, 2009.
- KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens – arte e cultura visual. In: ArtCultura, v. 8, n. 12, p. 97-115, Uberlândia, jan.-jun., 2006.
- KÖHLER, Carl. História do Vestuário. Editado e atualizado por Emma Von Sichart; tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- LAVIER, James. A roupa e a moda: uma história concisa. São Paulo: Companhia das Letras, 1989
- LIPOVETSKY, Gilles. O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- LURIE, Alison. A Linguagem das Roupas. São Paulo: Rocco, 1997.
- MENESES, Ulpiano Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. In: Revista Brasileira de História, vol. 23, n. 45, São Paulo, jul. 2003.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Rumo a uma história visual. In: Martins, José de Souza; Eckert, Cornélia & Novaes, Sylvia Caiuby. (Org.). O imaginário e o poético nas ciências sociais. 1a.ed.. São Paulo: EDUSC, 2005, p. 33-56.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. História e imagem: iconografia/iconologia e além. In: Cardoso, Ciro F., e Vainfas, Ronaldo. Novos domínios da História, Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. P. 243-262.
- OITICICA, Helio. Bases fundamentais para uma definição de Parangolé. In: Itaú Cultural, programa Helio Oiticica. In: <http://www.itaucultural.org.br>, acessado em 04/01/2013.
- OITICICA, Helio. Synthesis-Parangolé. In: Itaú Cultural, programa Helio Oiticica. In: <http://www.itaucultural.org.br>, acessado em 04/01/2013.
- OLIVERAS, Elena (ed.). Cuestiones de arte contemporâneo. Hacia um nuevo espectador en el siglo XXI. Buenos Aires: Emecé, 2008.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

PANOFSKY, Erwin. Renaissance and Renascences in Western Art. New York, Icon, 1972.

SAULQUÍN, Susana. La muerte de la moda, el día después. Buenos Aires: Emecé, 2010.

SOUZA, Gilda de M. O Espírito das Roupas: a moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SVENDSEN, Lars. Moda: uma filosofia. São Paulo: Zahar, 2010.

VASARI, Giorgio. Vidas dos Artistas. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

VEBLEN, Thorstein. Dress as an expression of the pecuniary culture. In: <http://socserv2.mcmaster.ca/~econ/ugcm/3ll3/veblen/leisure/chap07.txt> -3, acessado em 24/05/2013 às 14:07.